

## Os efeitos políticos da pandemia



Por **TARSO GENRO\***

*O “coronavírus” mata, mas a vergonha também mata*

Trump – seu modelo e inspiração – ronda cheio de raiva, nos EEUU, os limites da democracia representativa: corteja a Kluklux-Klan, deprecia os negros e latinos, alimenta o negacionismo e exala ódio por todos os poros. Levanta o “espectro do comunismo”, que habita apenas os seus sonhos fascistas e trata seus adversários políticos como inimigos da nação que ele idealizou. E aquela que ele pretende impor, como modelo muito distante daquela idealizada pelos seus “País Fundadores”. Trump é o pai desvairado do nacionalismo dos países ricos, que só aceita alianças com sabujos e não se importa, no seu desvario, com o futuro dos seus compatriotas, muito menos com o futuro da humanidade. Trump só vive a sublimação histérica do seu presente fascista: sem passado e sem futuro.

Ameaçado pela superioridade política de Joe Biden no discurso público e também no debate, recentemente promovido pela Fox News, Trump já disse – pela enésima vez –, como Bolsonaro fizera, que não aceitará “outro resultado que não seja o da sua vitória”. Chama as suas corjas supremacistas a intimidarem os eleitores no dia da votação, promove suspeitas sobre os votos através dos Correios e garante a maioria na Suprema Corte, para tentar assegurar uma vitória a qualquer preço. Já indicou para a Suprema Corte, no lugar da grande jurista Ruth Ginsburg falecida em 18 de setembro – a ultra conservadora Amy Barret, de 48 anos, o que corresponderia, aqui no Brasil, a nomear para o STF alguém terrivelmente evangélico.

Um sóbrio artigo de Larry Rother (*Época* 05/10) traz detalhes políticos alarmantes sobre a crise da democracia liberal-representativa no país mais poderoso do mundo. O artigo de Larry estimula uma reflexão sobre esta crise na América Latina e nos propõe pensar, ainda que de forma precária, em três situações paradigmáticas na América do Sul. Depois da “queda do Muro” e do fim da União Soviética, quando as esquerdas do mundo passaram a defender a democracia como “valor universal” e abdicaram da luta armada, as “coisas” mudaram de mal a pior, no mundo inteiro: a extrema-direita e a direita fascista estão empenhadas em provar que a democracia liberal-representativa não é e nem pode ser um bom caminho para melhorar o mundo. Será verdade?

Seja por reconhecer a impossibilidade prática do caminho armado frente ao poder intervencionista do Império, seja por compreender – por princípio – que a via democrático-representativa poderia proporcionar pelo menos avanços humanistas solidários (que poderiam dar dignidade à vida dos explorados e miseráveis), a renúncia à violência da esquerda – no Ocidente capitalista – parece estar sendo corrigida pelo “trumpismo” fascistoide nos EEUU. Ele ameaça de destruição as conquistas do iluminismo democrático, as conquistas da Declaração Universal dos Direitos do Homem e as conquistas universais da ciência, acumuladas nos últimos 50 anos, na defesa climática e sanitária do Planeta. Sem falar na depreciação das conquistas de gênero, dos movimentos antirracistas e na luta universal contra a fome. Vejamos como reagem os paradigmas mais próximos de nós.

Na Argentina, o Presidente Alberto Fernandez, embora ainda mantenha uma boa situação nas pesquisas, sofre os desgastes dos efeitos da Pandemia, que travaram a aplicação do plano de recuperação econômica e a ativação do emprego no seu Governo. A conjuntura pode levar o país à possibilidade de uma grave crise cambial e Fernandez – um político honesto, democrata e progressista – poderá estar desarmado para respondê-la. Trata-se de um país devastado economicamente e com poucas alternativas de cooperação internacional, que possam ser acionadas com rapidez, para

# a terra é redonda

sustentar taxas de crescimento razoáveis que ofereçam folga fiscal para programas de proteção social, fundamentais nesses momentos de crise.

Os promotores do processo liberal rentista, que levaram o país a níveis de desemprego só conhecidos durante o seu Regime Militar, já se preparam para dar o “bote” e certamente o farão, como em Honduras, Paraguai e Brasil, por “dentro” do sistema liberal-representativo. A sombra de Perón – tanto de esquerda, como da “Triple A”, do direitista Lopez Rega – ainda ronda a Argentina e se Fernandez herdou o eleitorado da Presidenta Cristina, parece não ter herdado a mobilização operária e popular, que dava sustentação ao peronismo de esquerda, fora do Parlamento. Sobreviverá a democracia Argentina?

O paradigma boliviano é meio indecifrável. País instável por “natureza”, que entra no Século XX em 1952, pela via revolucionária armada, teve dezenas de Presidentes e Ditadores desde a sua “revolução nacional” daquele ano. Como fruto de um incrível Golpe Militar de “esquerda”, na década de 70 – época em que proliferavam as sangrentas ditaduras na América Latina – a Bolívia teve na Presidência um General de origem indígena. Foi o grande General Juan José Torres, que buscou depurar o Exército do seu domínio pelo tráfico de drogas e afastar os oficiais direitistas dos cargos de mando, como grupo que freava o nacionalismo boliviano, que então era respaldado por uma boa parte das Forças Armadas.

Este herói – que presidiu o país entre outubro de 1970 e agosto de 1971 – foi deposto pelo General Hugo Banzer e seu grupo de militares fascistas e exilou-se na Argentina. Ali foi assassinado pela “Triple A”, grupo do peronismo de extrema direita, em 2 de junho de 1976. A sombra de Torres e da Revolução de 52 se projeta hoje em Evo Morales, também deposto por um golpe de novo tipo, análogo aos encetados contra Lugo (Paraguai) e Dilma. A sombra do General Torres paira sobre a Bolívia, na dignidade das massas populares, agora de novo nas ruas em nome da democracia e da defesa da soberania nacional. Voltará a Bolívia a um período de democracia política, que foi invejável na época de Evo Morales?

No Brasil, Bolsonaro humilha a maior parte da grande imprensa, porque esta passou – da cumplicidade ativa com seus propósitos de derrotar o PT – à condição de refém das reformas que ele viabiliza com o “centrão”. Aliás, pensando bem, Bolsonaro não pode “teoricamente” constituir-se como paradigma, porque ele é apenas um depósito de ódio irracional em contenção, para preparar-se para 2022, que só permanece no poder porque está ancorado no compromisso de destruição do Estado Social, como o melhor que as “classes dirigentes” do país podem oferecer, para liderá-las como representação política. É na cara de Bolsonaro, aliás, que ela se vê, quando se confronta com o espelho da história, como Dorian Gray se via na figura decomposta do espelho de Oscar Wilde.

A figura gigantesca de Getúlio Vargas, todavia, é um espectro que ainda ronda o país, embora os pobres e miseráveis de hoje não lhe recordem mais. Ele está presente no Estado Social da Constituição de 88, nos Governos democráticos e desenvolvimentistas – acolhedor dos mesmos pobres e miseráveis – que Lula e Dilma, principalmente acolheram nas suas políticas sociais. Nas lutas de Brizola pela democracia e pela Reforma Agrária e mesmo nos Governos Militares, quando estes defendiam a soberania nacional, construíam Itaipu e aceleravam a industrialização do país.

Nos 90 anos da Revolução de 30 – que promoveu aqui uma parte tardia da nossa revolução burguesa incompleta – quem sabe possamos recuperar o sentido daquela ação que abriu os caminhos do Brasil moderno, agora amparados em novos alicerces políticos e sociais: contra o fascismo e a corrupção miliciana do Estado; pela soberania nacional hoje ajoelhada perante o facínora global da cloroquina e pela retomada da erradicação da miséria e da pobreza.

O “coronavírus” mata, mas a vergonha também mata: a Bolívia pode mostrar um caminho que leva bem mais além do que nos oferece o oligopólio da mídia, que defende a democracia em abstrato, mas aceita jogar os seres humanos concretos – sem proteção e sem salário – no inferno dos direitos aparentes do mercado. A vergonha pode matar, mas ela também pode fazer reviver a ideia da luta e da igualdade, hoje presentes no povo do altiplano boliviano e nas ruas de La Paz. Com as suas roupas coloridas e seus vastos corações incandescentes o povo reverencia o General Torres e Evo Morales, que lançaram fagulhas de luz e dignidade sobre o povo, que não desistiu da Nação, da Democracia e da Justiça. Como Getúlio fizera na Revolução 30 e 24 anos depois com seu suicídio heróico.

(\*) *Tarso Genro foi governador do Estado do Rio Grande do Sul, prefeito de Porto Alegre, ministro da Justiça, ministro da Educação e ministro das Relações Institucionais do Brasil.*

A Terra é Redonda